



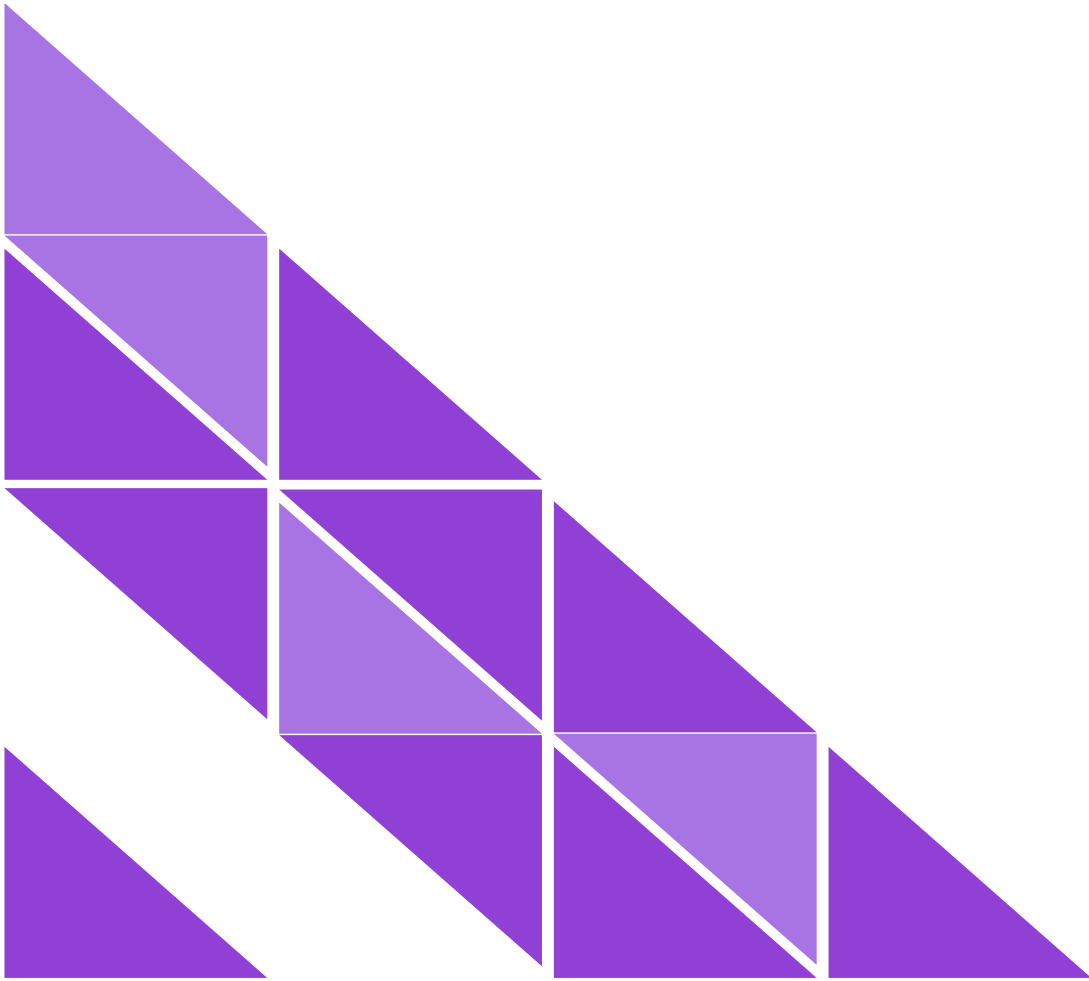
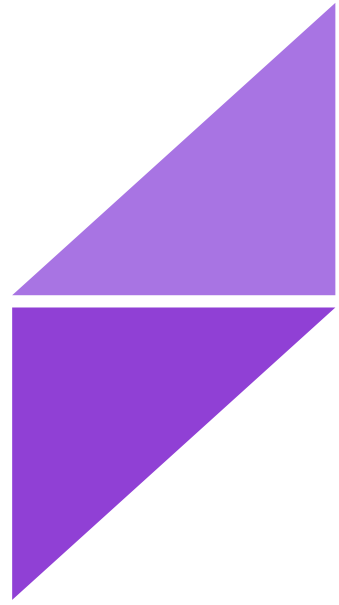
# SÍNTESE ECONÔMICA

---

JULHO / 2016



**Fecomércio PE**  
Sesc | Senac  
Instituto Fecomércio



# SÍNTESE ECONÔMICA

JULHO / 2016

## Resumo

A conjuntura econômica de julho ainda não apresentou indicativos de uma recuperação no curto prazo, continuando a apresentar recuos em indicadores importantes como os que medem a dinâmica do setor de comércio e serviços. A Pesquisa mensal do Comércio mostra um aprofundamento da crise no setor, acumulando taxas cada vez menores nos volumes de vendas, sendo mais impactados nos setores que tem o crédito como motor de consumo, por outro lado outros segmentos mais ligados a bens essenciais, como é o caso do setor de farmácia, continuam apresentando crescimentos bem modestos. O setor de serviços também demonstra grande desaceleração, principalmente aos que são demandados pela Indústria e Comércio, como os técnicos-especializados e os de transportes. É importante destacar que os indicadores para os desempenhos em Pernambuco estão em pior situação que a média nacional, revelando que os impactos da crise econômica no estado estão sendo significativos.

O mercado de trabalho brasileiro e pernambucano, ainda mostra uma situação de piora, apesar da intensidade ter sido reduzida. A taxa de desemprego trimestral brasileira continua a deteriorar, avançando para 11,3% no trimestre de (abr-mai-jun), já o mercado formal encerrou -7 2.615 vagas em maio de 2016, acumulando em doze meses um saldo negativo de aproximadamente

1,8 milhão de empregos. Pernambuco também se encontra com saldos negativos na geração de empregos, com 3.443 vagas a menos no mês de maio, apresentando assim o segundo pior desempenho entre os estados do NE e o sétimo resultado do país. Analisando por setor, verifica-se que os serviços, a construção civil e o comércio foram os principais responsáveis pelo saldo negativo do mês, por outro lado a administração pública e a agricultura ainda conseguiram criar vagas.

Os Índices da CNC, que avaliam confiança das famílias e empresários pernambucanos, apresentam leve melhora em relação aos indicadores dos empresários, com avanços positivos dos indicadores que avaliam o momento econômico corrente e principalmente o futuro, com alta na expectativa de contratação e nos níveis de investimento e estoque. Já a situação das famílias apesar de também apresentar melhor, continua com altas modestas, muito em consequência de uma taxa de desemprego crescente e uma inflação que resiste a ceder. Já a percepção do endividamento das famílias volta a cair pelo segundo mês consecutivo, apresentando melhora também nas dívidas mais preocupantes como as que estão em atraso e que não tem condições de efetuar o pagamento.

## Balança Comercial

A balança comercial brasileira continua com saldo positivo e encerrou o mês de julho de 2016 em US\$ 4,5 bilhões. O resultado foi 15,3% maior que no mês de março (US\$ 3,9 bi) e 91,8% maior que no mesmo mês do ano anterior (US\$ 2,3 bi), em todos os meses do ano de 2016 os valores foram superavitários. A balança comercial de Pernambuco, diferente da brasileira, continua

apresentando saldos negativos, porém apresentou melhora. Em julho de 2016 encerrou com déficit aproximado de US\$ -254 milhões, o resultado foi menos negativo que em junho, apresentando assim leve melhora. A Argentina continua sendo em julho o principal destino das exportações de Pernambuco.

## 1. Comércio

Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE, o volume das vendas do Varejo brasileiro caiu no mês de maio -1,0%, quando comparado ao mês anterior. O resultado faz com que o desempenho mensal do comércio volte ao patamar negativo, já que abril de 2016 apresentou modesto crescimento de 0,5%. Além disso, a variação negativa também fez com que a média móvel trimestral voltasse a ficar negativa, apresentando assim um retorno à tendência de desaquecimento. No indicador que mede o desempenho em relação ao mesmo mês do ano anterior, o desempenho é ainda pior, com retração de -9,0%, sendo esta a maior queda da série histórica para o mês de maio. Vale ressaltar que o mês de maio carrega a comemoração do Dia das Mães, a segunda data mais importante para o comércio em volume de vendas e, mesmo a data que carrega tanta tradição, não conseguiu fazer com que o mês resistisse ao momento de crise, superando

o mal desempenho dos meses de maio de 2015 (-4,5%) e 2003 (-6,2%).

No ano, janeiro a junho, o acúmulo continua negativo em -7,3%, sendo este também o pior valor para este período de toda a série iniciada em 2001 e o segundo valor consecutivo abaixo de zero consecutivo, já que em 2015 o mesmo período havia apresentado queda de -2,0%. Quando se analisa o resultado em 12 meses é que se verifica a velocidade em que as vendas foram caindo, pois no período de apenas um ano o acumulado foi de +4,9% para -6,5% e, assim como no indicador anterior, o acúmulo em 12 meses alcança o menor valor de toda a série. Vale destacar que a desaceleração verificada em 2016 é bastante grave, pois parte de uma base de comparação do ano de 2015 que apresentou quedas significativas.

Gráfico 1



Cenário ainda pior encontra o Varejo Ampliado, setor que agrega todos os índices do Varejo mais as atividades de “Veículos, motocicletas, partes e peças” e “Material de construção”, que continua com todos os indicadores apresentando taxas negativas- os comparativos mensal, anual, no acumulado do ano e em 12 meses recuaram -0,4%, -10,2%, -9,5% e -9,7%, respectivamente.

Na análise por tipo de segmento, verifica-se que no indicador anual, o que compara o mês atual com o mesmo mês do ano anterior, todos apresentaram recuo nas vendas. O destaque negativo em maio ficou com “Livros, jornais, rev. e papelaria” (-24,2%), que, por ser um grupo que não é tão essencial, no momento de crise é cortado de maneira maior e mais rápida, apresentando desempenhos não tão ruins em meses de alta procura como janeiro e fevereiro, por serem meses de volta as aulas. Também apresentam situação crítica as atividades que têm o crédito como o motor de consumo como “Móveis e eletrodomésticos” (-14,6%), “Tecidos, vest. e calçados” (-13,5%), “Equip. e mat. para escritório informática e comunicação” (-14,4%), “Veículos e motos, partes e peças” (-13,3%), “Material de Construção” (-10,6%). Além

de um crédito mais restrito, os segmentos citados e os demais são impactados de maneira negativa por um orçamento mais restrito devido à pressão inflacionária que vem corroendo o poder de compra das famílias, alto desemprego retirando a confiança para o consumo e um dólar valorizado que acaba tornando os produtos importados mais caros.

O comércio de Pernambuco se encontra em situação ainda mais grave que a média nacional, apresentando resultados ainda menores para o volume de vendas na maioria dos indicadores. O indicador que mede o desempenho mensal variou -2,5% em maio de 2016, mais que o dobro do resultado brasileiro (-1,0%), revelando que o estado ainda sofre impactos da crise de maneira mais forte. Quando se compara o volume das vendas atual com o mesmo período do ano anterior, a queda é de -13,9, ainda mais significativa do que em maio de 2015 (-9,0%) e maio de 2003 (-13,8%), revelando que a população pernambucana foi ainda mais conservadora na aquisição de dívidas para compra de presentes em comemoração ao dia das mães.

Tabela 01 – Pernambuco – Variação do Comércio Varejista e Varejista ampliado por atividades

ATIVIDADES	MÊS/ MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR			ACUMULADO NO ANO	ACUMULADO EM 12 MESES
	MARÇO	ABRIL	MAIO		
Combustíveis e lubrificantes	-8,0	-15,7	-11,6	-12,0	-12,0
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-10,2	-10,9	-12,8	-9,7	-8,8
Tecidos, vestuário e calçados	-15,6	-9,7	-15,3	-16,6	-17,3
Móveis e eletrodomésticos	-25,1	-23,6	-32,9	-27,9	-25,6
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	5,2	1,6	1,1	3,4	5,2
Livros, jornais, revistas e papelaria	-8,9	-8,5	-17,2	-5,8	-7,4
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-17,2	-20,4	-20,5	-16,9	-26,7
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-5,9	-5,4	-7,7	-6,6	-0,9
Veículos, motocicletas, partes e peças	-30,2	-20,9	-18,8	-24,5	-24,8
Material de construção	-21,5	-19,5	-19,6	-19,7	-14,3
Varejo	-10,6	-11,3	-13,9	-11,7	-10,7
Varejo Ampliado	-17,0	-14,5	-15,7	-15,7	-14,7

Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), IBGE. Elaboração: Instituto Fecomércio-PE



Os maus números ficam ainda mais preocupantes quando se observa os acumulados no ano e em 12 meses que, pela primeira vez para os meses de maio, ultrapassam os dois dígitos de taxa negativa e ficam com os menores desempenhos da série, recuando -11,7% e -10,7%, respectivamente. A população pernambucana reflete um mau momento das condições econômicas do estado, com inflação acumulada na Região Metropolitana do Recife em torno de 9,2% em maio, segundo o IPCA, corroendo o poder de compra das famílias e direcionando o orçamento para bens essenciais como alimentação e habitação, além do mercado de trabalho em deterioração com uma crescente taxa de desemprego e uma desmobilização de mão de obra na parte da indústria de transformação e construção civil.

Diante do quadro crítico, os segmentos mais prejudicados em “Pernambuco” se assemelham à média nacional, com as atividades que possuem o crédito como impulsionador do consumo apresentando forte desaceleração- destaque negativo

para “Móveis e Eletrodomésticos” (-32,9%) e “Equip. e mat. para escritório informática e comunicação” (-20,5%), que também são afetados pela desvalorização do real. Em seguida, aparecem “Veículos e motos, partes e peças” (-18,8%) e “Material de Construção” (-19,6%), que também são ligados ao crédito e influenciados pela confiança em baixa das famílias que, por medo de perder o emprego no médio/longo prazo, evitam se endividar com bens mais caros como veículos e gastos mais altos como reformas e construção de imóveis. Por fim, Pernambuco ainda apresenta um segmento com resultado positivo, pois o setor de “Artigos farmacêuticos, med., ortop. e de perfumaria” cresceu 1,1% frente a maio de 2015, o que acaba sendo justificado pela essencialidade dos medicamentos e pelas farmácias atualmente comercializarem uma grande variedade de produtos e por terem o setor de cosmético que são presentes ainda muito ligados às mães.

## 2. Serviços

Segundo o IBGE, através da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), o volume de serviços no Brasil ainda não mostra indicativos de que vai voltar a níveis positivos tão cedo, pois em maio de 2016 o indicador anual, que compara o mês atual com igual mês do ano anterior, recuou -6,1%, sendo este o menor valor para o mês em toda a série histórica iniciada em 2012. Vale destacar que este é o segundo ano consecutivo em que maio ficou no negativo, sendo o resultado atual praticamente o dobro do registrado em 2015, quando a queda foi de -5,1%. Em relação a abril, no comparativo mensal, a variação negativa foi de -0,1%, taxa melhor que a do mês anterior (-1,6%) e igual ao mês do ano anterior (-0,3%).

O acumulado do ano, janeiro a maio, com queda de -5,1%, seguindo a mesma tendência dos indicadores anteriores, com o segundo valor negativo consecutivo para o mês de maio e o menor de toda a série; o índice do acumulado em 12 meses também se encontra abaixo de zero, mostrando retração acentuada, pois no período de dois anos o volume foi de 4,0% para -4,8%. O último acúmulo positivo em 12 meses foi em maio de 2015 (0,1%), com o resultado atual já são doze períodos no negativo, com o agravante de as taxas mostrarem deterioração, ficando sempre abaixo da anterior.

Gráfico 2

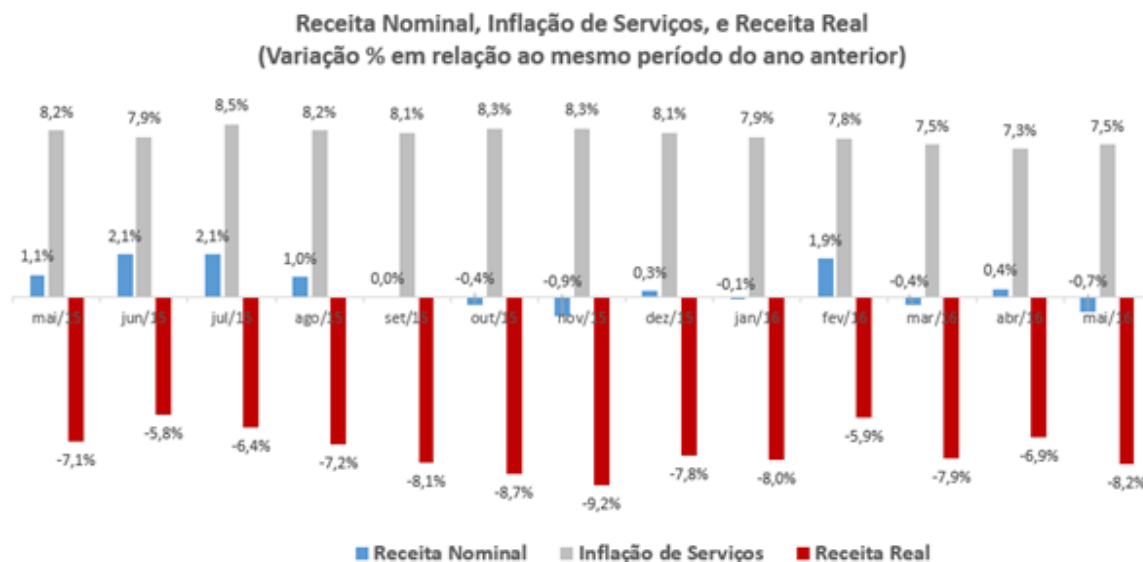


Quando se analisa o resultado por tipo de serviço, verifica-se que a crise atual atinge o setor de maneira geral, com todas as atividades com grande desaquecimento, quando comparada ao mesmo mês do ano anterior, o que é ainda mais preocupante, pois a base de comparação é um período que já mostrava desaceleração e modestos crescimentos. O destaque negativo ficou com os serviços de “Transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio” que variaram negativamente em -9,1%. É importante destacar que o mês de maio tem o Dia das Mães, uma das datas de maior comercialização do ano, e o resultado negativo revela uma maior cautela dos empresários do comércio e da indústria, que não investiram tanto nesse tipo de serviço justamente porque em 2015 a data já havia mostrado desaquecimento, fazendo com que o recuo fosse ainda maior quando comparado ao ano anterior. Outra atividade com desempenho ruim foi os “Serviços profissionais, administrativos e complementares”, com queda de -7,8%. Este tipo de serviço tem como principal demandante a Indústria, por

carregar os serviços mais especializados como os técnico-profissionais, e a desaceleração é reflexo de menores investimentos industriais.

Analisando o resultado pela ótica da receita, verifica-se que a oscilação entre modestos resultados negativos e positivos mensais continuaram em maio de 2016 - quando comparado com 2015- a variação voltou a ficar abaixo de zero, com recuo de -0,7%. Já os acúmulos no ano e em 12 meses continuam positivos e com desacelerações, com resultados sempre inferiores aos mês anterior - as taxas foram de 0,2% e 0,4%, respectivamente. Os valores quase nulos da receita nominal já sinalizam uma dificuldade em relação ao momento pelo qual passam os empresários do setor, porém a magnitude dos prejuízos é ainda maior quando se analisa a receita real, que seria a receita nominal com a inflação de serviços descontada.

Gráfico 3



Fonte: PMS/IBGE e Inflação de Serviços/BCB.

Conforme gráfico acima, a receita real continua negativa, apresentando resultados que variam de 6% a 9% nos últimos doze meses, confirmando que a desaceleração econômica vem afetando a margem de lucro de maneira significativa, obrigando os empresários a fazer ajustes para redução de

despesas, o que muitas vezes leva à diminuição da equipe e pressiona ainda mais o mercado de trabalho brasileiro.

## PERNAMBUCO

O setor de serviços pernambucano vem com desaceleração maior que a média nacional, com todos os indicadores (mensal, anual, no ano e em 12 meses) apresentando resultados mais negativos. Em maio de 2016, o recuo mensal foi de -1,6%, ante crescimento de 3,6% em abril de 2016 e 0,2% em maio de 2015. Os desempenhos ficam ainda mais preocupantes quando a comparação é anual, pois o volume de serviços recuou -11,9%, quase o dobro do resultado nacional, vale destacar também que este é o menor resultado entre todos os meses da pesquisa e tem como base de comparação uma queda de -4,8% registrada no mesmo mês do ano anterior. No ano e em 12 meses, os acumulados seguem a tendência negativa e acumulam queda de -9,9% e -7,9%, respectivamente.

Analisando os tipos de serviço, verifica-se que o resultado mais negativo do mês ainda é de “Serviços profissionais, administrativos e complementares” (-22,3%), que revela o tamanho da desaceleração da indústria pernambucana, que atualmente sofre com redução de investimentos e menor dinamismo da indústria de transformação e da construção civil. Os “Serviços prestados às famílias”, após três meses consecutivos de alta, retornam ao nível negativo, caindo -1,6%. Os demais serviços não se diferenciam e seguem com resultados negativos.



Tabela 02

ATIVIDADES DE SERVIÇOS	MÊS/ MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR			ACUMULADO	
	TAXA DE VARIAÇÃO			TAXA DE VARIAÇÃO	
	MARÇO	ABRIL	MAIO	NO ANO	EM 12 MESES
Total	-10,2	-8,7	-11,9	-9,9	-7,9
1. Serviços prestados às famílias	2,7	3,4	-1,6	-0,4	-2,8
2. Serviços de informação e comunicação	-7,9	-8,9	-10,4	-8,3	-8,3
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	-22,7	-20,4	-22,3	-21,6	-15,4
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-3,9	0,5	-7,7	-3,1	-1,8
5. Outros serviços	-17,7	-17,1	-7,2	-14,6	-10,0

Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS)

O dinamismo do setor de serviços é reflexo da confiança das famílias e dos empresários, principalmente indústria e comércio. Sendo assim, os consecutivos resultados negativos em relação ao desempenho do setor nada mais é que uma sinalização da atual postura de ambos os agentes, pois as famílias se encontram com orçamento restrito devido a uma menor renda disponível, ao desemprego em alta e a um crédito mais escasso, fazendo com que o consumo caia de maneira significativa. O lado dos empresários, além de ser

impactado pela redução na demanda das famílias, sofre com cancelamento e redução de contratos da Indústria e Comércio, que devido à conjuntura atual se veem com níveis de estoque elevados, o que conseqüentemente reduz margem de lucro e investimentos. O momento atual para ambos os agentes aprofundam o setor de serviços em uma desaceleração preocupante, pois, mesmo com importantes pesquisas de confiança revelando melhora, ainda não houve tempo suficiente para impactar no retorno do consumo.

### 3. Emprego e Renda

Os dados da PNAD trimestral do IBGE revelam um movimento mais fraco da alta do desemprego. Quando se analisa os três últimos trimestres móveis, o último resultado divulgado (abr-mai-jun) ficou com taxa de 11,3%, após dois resultados de 11,2%, porém o valor é superior ao trimestre anterior (jan-fev-mar) e ao mesmo trimestre do ano anterior, quando o desemprego ficou em 10,9% e 8,3%. Segundo a pesquisa, a população desocupada (11,6 milhões de pessoas) cresceu 4,5% em relação ao observado entre janeiro e março (11,1 milhões de pessoas), um acréscimo de 497 mil pessoas na procura por emprego. Na comparação com igual trimestre do ano passado, esta estimativa subiu 38,7%, um aumento de cerca de 3,2 milhões de pessoas desocupadas. Já na outra ponta, a população ocupada (90,8 milhões de pessoas) não apresentou variação significativa, quando comparada

com o trimestre de janeiro a março de 2016. Em relação com igual trimestre de 2015, quando o total de ocupados era de 92,2 milhões de pessoas, a queda foi de 1,5%, uma redução de 1,4 milhão de pessoas entre os ocupados.

O gráfico abaixo revela um ciclo bastante danoso à economia, com um desemprego crescente e uma renda real em queda. O primeiro faz com que a confiança da população caia bruscamente, fazendo com que um comportamento mais conservador em relação a aquisição de dívidas aumente, pois existe um risco maior de ficar desempregado. Já o segundo cria uma restrição orçamentária bem mais apertada, obrigando as famílias a rever a cesta de consumo, tornando o efeito substituição mais forte, trocando os produtos mais caros por marcas de menor valor ou até mesmo deixando de comprar.

O rendimento real recuou 1,5%, quando comparado com o trimestre anterior, e 4,2%, quando comparado com o mesmo período de 2015, já a massa de rendimento real (R\$ 174,6 bilhões) caiu 1,1% em relação ao trimestre de janeiro a março

de 2016 e 4,9%, quando comparada ao mesmo trimestre do ano anterior.

Gráfico 5



Fonte: IPCA/IBGE. Elaboração: Instituto Fecomércio-PE

No mercado de trabalho formal, segundo os dados do Caged divulgados pelo Ministério do Trabalho, a dinâmica de encerramento das vagas mensal continua, porém com menor força. O mês de maio de 2016 encerrou 72.615 vagas, sem contar os dados enviados fora do prazo. Apesar do saldo negativo, o resultado é melhor que o verificado no mesmo mês do anterior, quando foram encerradas 115.599 vagas. Os três estados que mais fecharam vagas no mês foram Santa Catarina (-15.829), Rio de Janeiro (-15.688) e São Paulo (-12.177). Na outra ponta, Mina Gerais e Espírito Santo ficaram com saldo positivo de 9.304 e 1.226, respectivamente. No ano, janeiro a maio, o país já encerrou quase meio milhão de vagas, quase o dobro do verificado no mesmo período de 2015. No acumulado em 12 meses, o saldo negativo é ainda pior, ficando em torno de 1,8 milhão de empregos encerrados.

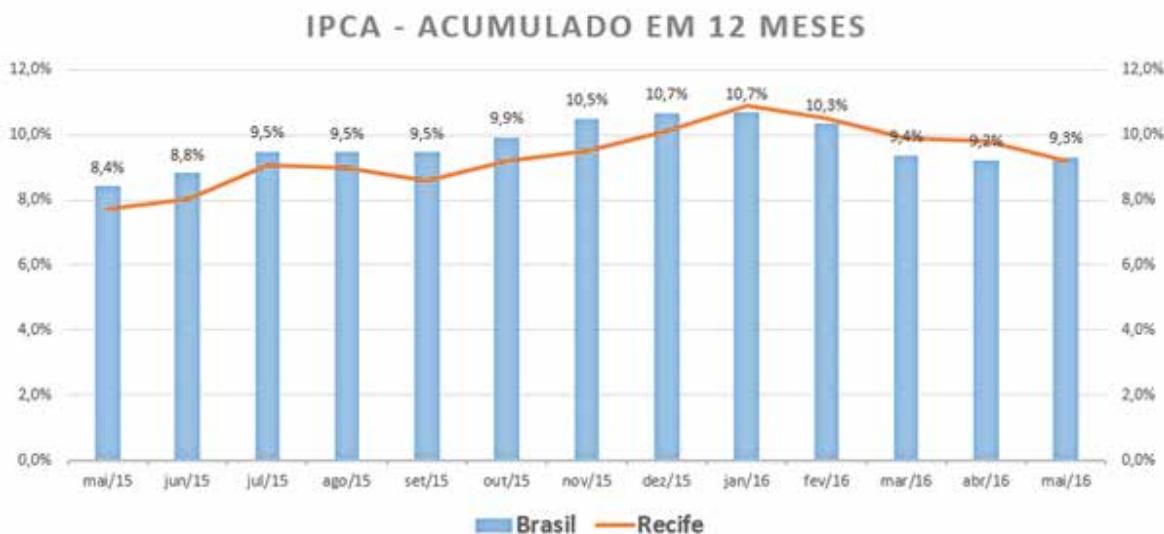
Em Pernambuco o emprego formal também sofre de maneira significativa os impactos da desaceleração econômica, apresentando igual saldo negativo nos resultados mensais e nos acumulados do ano e 12 meses. Apesar de negativo, o mês de maio de 2016 também conseguiu ser melhor que o de 2015, encerrando 3.443 vagas ante 7.303. O estado tem o sétimo pior resultado do país, já por região fica atrás apenas da Bahia (-6.052), sendo o segundo pior saldo do NE. Analisando por setor, verifica-se que os serviços, a construção civil e o comércio foram os principais responsáveis pelo saldo negativo do mês, por outro lado, a administração pública e a agricultura ainda conseguiram criar vagas. No acumulado do ano e em 12 meses, o mercado de trabalho formal pernambucano já fechou 49.365 e 78.471 vagas, respectivamente.

## 4. Inflação

A inflação brasileira, medida através do IPCA, continua com aceleração no mês de maio de 2016, com a taxa atingindo 0,78% ante 0,61% de abril do mesmo ano e 0,74% de maio de 2015. No ano o acumulado é de 4,05%, valor ainda inferior à meta de 4,5% ao ano e ao verificado em 2015, quando atingiu os 5,34%. Vale destacar que o ritmo da aceleração é bem mais fraco que no ano anterior e que provavelmente não se chegue ao acúmulo de dois dígitos de alta no final do ano, mas o retorno da aceleração preocupa, pois tem o poder de corroer ainda mais o orçamento já limitado das famílias brasileiras.

O gráfico revela que, após 5 meses apresentando manutenção ou desaceleração no nível de preço, no mês de maio de 2016 o indicador do acumulado em 12 meses voltou a ficar acima do anterior, indo de 9,2% para 9,3%. É importante frisar que no último ano, em nenhum dos meses, o indicador ficou dentro do teto da meta de 6,5%, chegando ao menor nível em maio de 2015 (8,4%).

Gráfico 6



Fonte: IPCA/IBGE. Elaboração: Instituto Fecomércio-PE

O valor veio 0,07% acima da projeção do mercado, captada através do Relatório Focus do Banco Central, que esperava uma elevação de 0,71%. A diferença entre a projeção e a realidade revela que as expectativas inflacionárias do mercado ainda precisam de ajuste, pois o repasse do aumento dos preços ao consumidor final ainda não perdeu força. Para o mês de junho de 2016, a projeção ainda se encontra em 0,33%, porém ainda faltam 4 semanas para o mês encerrar e após a diferença verificada em maio ocorram leves ajustes. O mercado avalia também que o ano irá encerrar com

uma inflação de 7,12%, valor que estava em 7,00% quatro semanas atrás, mostrando que ainda existe uma inflação resistente que vem refletindo-se nas projeções dos preços e, caso encerre realmente acima de 6,5%, o governo não irá cumprir a meta e ultrapassará o teto pelo segundo ano consecutivo. Um ponto positivo é que, para o ano seguinte, as expectativas vêm apresentando desaceleração no último Relatório Focus a inflação acumulada de 2017 se encontrava em 5,5%.

Analisando por tipo de grupo, verifica-se que os dois principais responsáveis pela alta foram “Habitação” e “Alimentação e Bebidas”. O primeiro apresentou alta de 1,79% em maio de 2016, ante deflação de -0,38% no mês anterior, revelando uma pressão significativa nos preços dos itens que o compõe- destaque para as altas nos valores da “taxa de esgoto” e “energia elétrica”. Já o segundo grupo vem com uma constante pressão mensal dos preços. Mesmo apresentando desaceleração de 1,09% para 0,78% , foi responsável pela segunda maior contribuição para a formação geral da taxa- destaque para variação de 19,2%, 10,09% e 9,85% no valor da batata-inglesa, cebola e feijão-mulatinho , que são itens bastante utilizados para a tradicional alimentação dos brasileiros. Os dois grupos juntos foram responsáveis por 60,25% de toda a taxa do mês de maio.

Outros grupos também contribuíram para aumento, como “Saúde e Cuidados Pessoais” (1,62%), impactado pela alta nos valores dos remédios e “Despesas pessoais” (1,35%) pressionado por reajustes no preço de cigarro (9,33%) e empregado

doméstico (0,87%). Já “Artigos de Residência”, “Vestuário”, “Educação” e “Comunicação” ficaram praticamente estáveis, não apresentando grandes pressões. Na outra ponta, “Transportes” teve grande desaceleração, variando negativamente -0,58%.

A Região Metropolitana do Recife (RMR) apresentou alta considerável de um mês para o outro, saindo de 0,69% para 0,90%, alta de 0,21% em um período de apenas 30 dias. No ano o acúmulo é de 4,22%, valor alto, porém abaixo do verificado no mesmo período de 2015 (5,16%). No acumulado em 12 meses, a RMR apresenta desaceleração nos 5 primeiros meses do ano, saindo de 10,9% em janeiro para 9,2% em maio, voltando a ficar com este indicador com valores abaixo da média nacional. Vale destacar que a queda no acumulado em 12 meses só foi possível devido à taxa de maio de 2016 ter sido inferior à 2015, quando o indicador ficou em 1,51%- este valor também é o menor para o mês dos últimos dois anos.

Tabela 03 – Região Metropolitana do Recife – IPCA 2016

GRUPO	VARIÇÃO		IMPACTO (P.P.)	
	ABRIL	MAIO	ABRIL	MAIO
Índice Geral	0,69	0,90	0,69	0,90
1. Alimentação e bebidas	1,54	0,56	0,44	0,16
2. Habitação	-0,38	2,37	-0,05	0,33
3. Artigos e residência	0,09	0,86	0,00	0,04
4. Vestuário	0,09	0,57	0,01	0,04
5. Transportes	0,32	0,53	0,05	0,08
6. Saúde e cuidados pessoais	2,13	1,30	0,27	0,17
7. Despesas pessoais	-0,41	0,81	-0,04	0,08
8. Educação	0,32	0,20	0,01	0,01
9. Comunicação	0,04	0,00	-0,00	0,00

Fonte: IPCA/IBGE.

Na análise por grupo, destaca-se a alta da “Habitação” que saiu de uma variação negativa de -0,38% para uma positiva de 2,37%, devido principalmente ao reajuste de 11,22% na tarifa da energia elétrica. Em seguida, “Saúde e cuidados pessoais”

com alta de 1,30%, impactado com reajustes nos produtos farmacêuticos, e, por fim, “Alimentação e bebidas” crescendo 0,56%, influenciado pela alta do preço do feijão-mulatinho (11,35%) e de outros produtos que fazem parte da comida diária dos

pernambucanos. Os três grupos juntos foram responsáveis por quase 75% de toda a taxa global, revelando uma alta de preço gerada a partir de grupos específicos. “Comunicação”, “Vestuário” e “Artigos de Residência” não demonstram pressão inflacionária, contribuindo pouco para a alta verificada no mês.

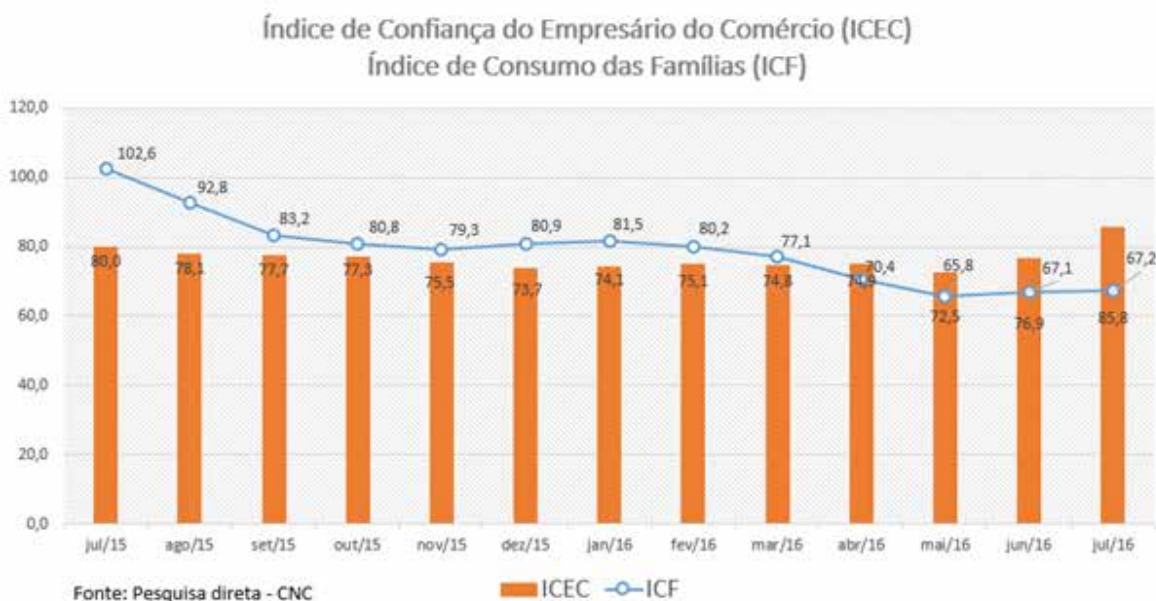
Os cinco produtos com maior variação positiva em maio para a RMR foram a manga (16,97%), feijão-mulatinho (11,35%), energia elétrica (11,22%), abacaxi (8,19%) e reforma de estofado (7,98%). Na outra ponta, os produtos que tiveram o preço apresentando variação negativa foram tomate (-17,46%), mandioca (-6,88%), banana-prata (-6,51%), carne de porco (-5,93%) e o peixe merluza (-5,37%).

## 5. Índices CNC

O Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICEC) continua apresentando recuperação acentuada. O mês de julho alcançou os 85,8 pontos, maior patamar dos últimos 12 meses, confirmando o indicativo de retorno da confiança dos empresários pernambucanos. Apesar disso, o indicador ainda permanece na zona negativa (abaixo dos 100 pontos), apontando situação desfavorável. Analisando o resultado por tipo de índices, verifica-se que as avaliações em relação às condições atuais e aos investimentos apresentaram melhora em relação aos últimos meses, apesar de se encontrar abaixo da zona de indiferença. Na outra ponta, a expectativa em relação ao desempenho do setor, que já se encontrava acima dos

100 pontos, saiu de 119,9 para 135,9 pontos. As melhoras apresentadas foram influenciadas por uma melhora da economia, com o mercado projetando uma queda menor do PIB e uma inflação menos pressionada, aliada a uma troca de equipe econômica e a uma calma na crise política, fazendo com que o congresso voltasse a debater medidas importantes para acelerar a saída do país da crise. A avaliação do crescimento em relação às expectativas de contratação de funcionários, nível de investimentos e nível de estoque continuam dando um indicativo de que o empresário em Pernambuco iniciou um processo de reversão das projeções negativas.

Gráfico 7

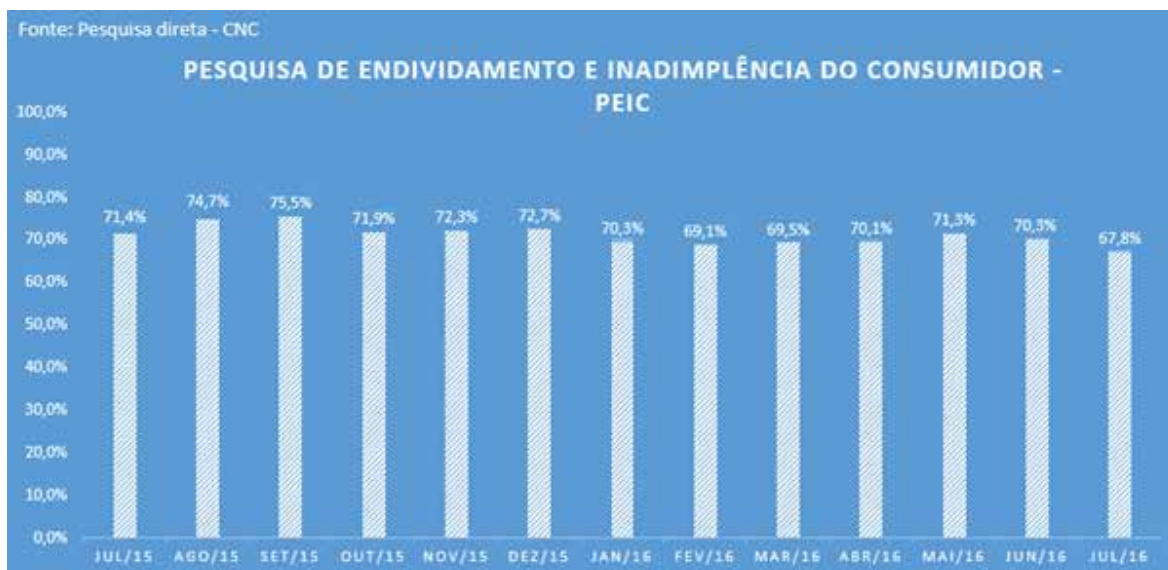


O Índice de Consumo das Famílias (ICF) Pernambucanas não vem sofrendo variações positivas tão bruscas como o ICEC, pois a população ainda sofre com uma grande taxa de desemprego e uma inflação ainda alta, que vem corroendo o poder de compra das famílias, voltando grande parte da renda para o consumo de bens essenciais. O indicador ficou em junho com 67,2 pontos- 32,8 pontos abaixo da zona de indiferença, apontando uma confiança ainda abalada. Dos sete subíndices que compõem a pesquisa apenas o que mede a confiança em relação ao emprego atual se encontra acima dos 100 pontos, e mesmo acima apresentou queda em relação ao mês anterior- já os demais (perspectiva profissional, renda atual, compra a prazo, nível de consumo atual, perspectiva de consumo e momento para duráveis ) ainda se situam com valor inferior a 100, impactados também por uma manutenção

da taxa de juros acima dos 14% , criando uma maior restrição ao crédito.

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) aponta mais uma queda na proporção dos endividados, ficando com 67,8% de famílias endividadas. É importante destacar que o nível se encontra abaixado do mês anterior e do mesmo mês do ano anterior, quando os valores eram de 70,3% e 71,4%, respectivamente. A parcela de endividados com contas em atraso também apresentou melhora, caindo de 30,7% para 28,1%, assim como os que não estão mais em condições de pagar, que recuaram de 17,5% para 15,2%, mostrando que a percepção de endividamento melhorou em praticamente todos os tipos de endividados.

Gráfico 8



Fonte: Pesquisa Direta CNC.

O principal tipo de endividamento continua sendo dívidas financeiras ligadas ao uso do cartão de crédito, sendo apontado por 92,1%, e o carnê, com 11,3%. É importante destacar que ambos os serviços são utilizados para o consumo de bens, mostrando que as famílias ainda não conseguiram

ajustar a renda atual, que está menor, a uma nova realidade de consumo. A maioria dos endividados informam que as dívidas estão com tempo de atraso em torno de 30 a 90 dias, passando a comprometer de 11% a 50% da renda.

## Balança Comercial

A balança comercial brasileira continua com saldo positivo e encerrou o mês de julho de 2016 em US\$ 4,5 bilhões, o resultado foi 15,3% maior que no mês de março (US\$ 3,9 bi) e 91,8% maior que no mesmo mês do ano anterior (US\$ 2,3 bi), este é o sétimo resultado mensal positivo no ano. O valor é mais uma vez influenciado pela queda da importação (-7,96%) em proporção maior que a exportação (-2,44%), ocasionada, principalmente, por uma melhora na competitividade dos produtos brasileiros no exterior que continuam sendo afetados pelo valor do dólar em torno dos R\$ 3,20. Vale destacar que o saldo para julho é o maior para o mês em 10 anos, enquanto que para o acumulado do ano, janeiro a julho, o valor é de

US\$ 28,2 bilhões, sendo este o maior valor em 28 anos para o período.

A balança comercial de Pernambuco, diferente da brasileira, continua apresentando saldos negativos, porém apresentou melhora. Em julho de 2016 encerrou com déficit aproximado de US\$ -254 milhões, melhora em relação a junho e a julho de 2015, quando ficaram em US\$ -343 e US\$ -478 milhões, respectivamente. No mês atual, comparado com o anterior, a exportação caiu -53,60%, o que em números representa uma queda de US\$ 144 milhões para US\$ 67 milhões, já a importação recuou -34,17%, indo de US\$ 488 milhões para US\$ 321 milhões.

Tabela 04 - Pernambuco - Principais Destinos de Exportação - Junho / 2016

ORDEM	PAÍS	US\$	KG LÍQUIDO
1	Argentina	16.338.793	3.110.721
2	Estados Unidos	14.302.461	12.879.341
3	Santa Lúcia	7.241.874	31.142.069
4	Croácia	6.590.162	21.621.
5	Países Baixos (Holanda)	3.989.434	3.215.922
6	Demais Países	18.783.005	20.203.149
TOTAL GERAL		67.245.729	92.172.202

Fonte: MDIC. Elaboração Fecomércio-PE.

No mês de julho, o principal país de destino das exportações pernambucanas continua sendo a Argentina, com movimentação de US\$ 16,3 milhões, no mês anterior o valor foi de US\$ 33,4 milhões. O principal tipo de produto exportado para o país vizinho foi os veículos (automóveis para transporte de mercadorias e automóveis de passageiros), com mais de US\$ 11 milhões de todo o volume total. Em seguida, ficam os Estados Unidos

com um grande montante de produtos consumidos relacionados com a indústria petroquímica. O terceiro lugar também tem como principais itens de comercialização estes tipos de produtos, como "Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos". Os cinco principais destinos são juntos responsáveis por mais de 70% de todo o consumo dos produtos pernambucanos, revelando uma concentração entre os parceiros comerciais.

## Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS).**

BANCO CENTRAL DO BRASIL **Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **PNAD Contínua Trimestral.**

MINISTÉRIO DO TRABALHO, EMPREGO E PREVIDÊNCIA SOCIAL **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados Caged.**

GERÊNCIA DE INVESTIMENTOS/BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Focus - Relatório de Mercado.**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Índice de Preço ao Consumidor Amplo (IPCA).**

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Índice de Consumo das Famílias (ICF).**

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICEC).**

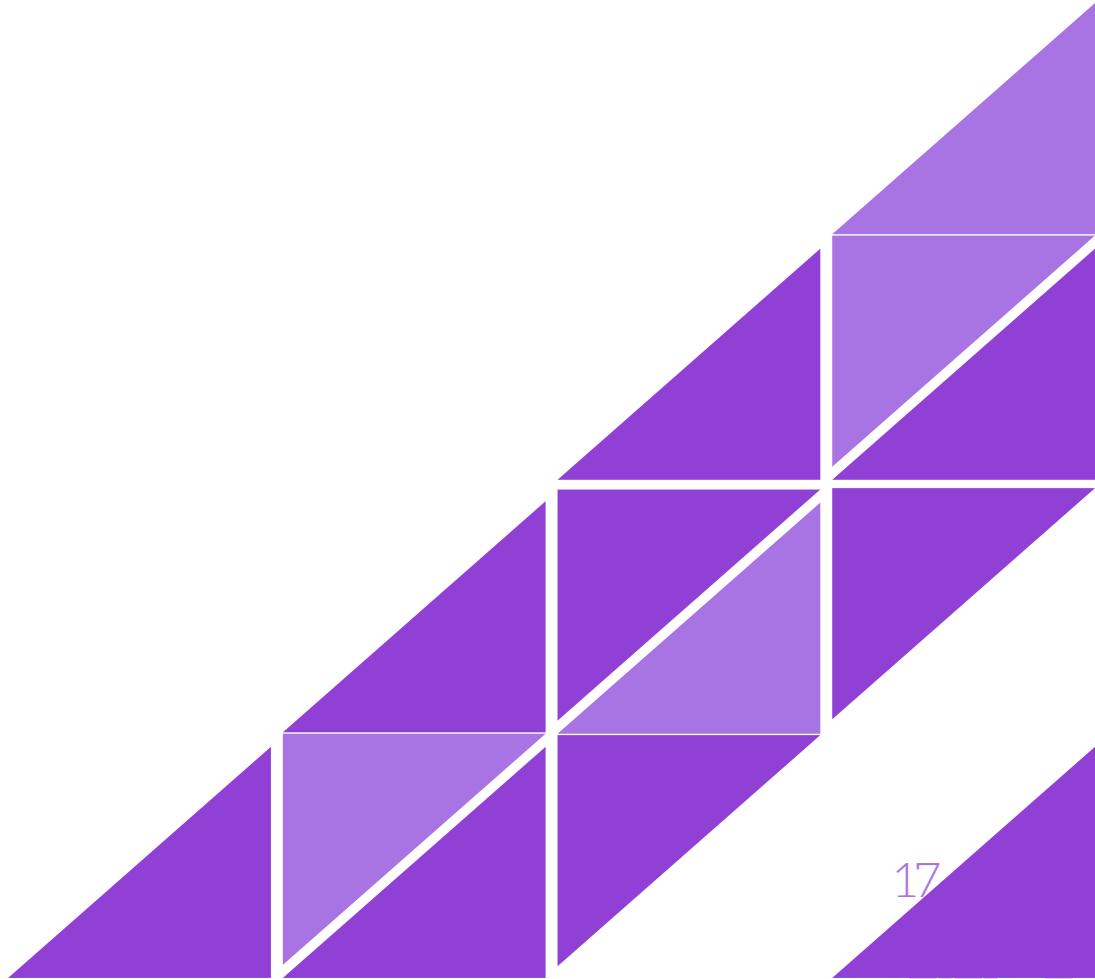
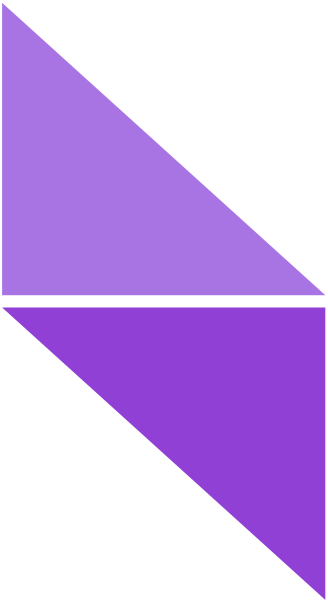
CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic).**

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR **Balança Comercial.**

### EXPEDIENTE - FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Josias Silva de Albuquerque  
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio: Brena Castelo Branco  
Economista: Rafael Ramos  
Designer: Nilo Monteiro  
Companhia do Texto (Revisão):  
Iaranda Barbosa - Revisões Textuais





The image features a complex geometric pattern composed of various shades of purple. The pattern consists of a grid of squares, each bisected by a diagonal line from the top-left to the bottom-right. The triangles formed by these lines are arranged in a staggered, overlapping fashion, creating a sense of depth and movement. The colors range from a deep, dark purple to a lighter, lavender hue. At the bottom center, a dark purple horizontal bar contains the website address in white text.

[WWW.FECOMERCIO-PE.COM.BR](http://WWW.FECOMERCIO-PE.COM.BR)